Como dizia Kevin Power:

“Qualquer criador que deseja criar algo de novo, tem medo. E neste ponto da nossa história colectiva necessitamos de criadores capazes de cartografar os novos territórios nos quais vivemos as nossas vidas. As possibilidades criativas dentro da economia de mercado são cada vez mais difíceis.”

”Shadow of a Doubt (A Sombra de uma Dúvida)”

Esta exposição não tem nada a haver com Alfred Hitchcock, apesar de na vida estar tudo ligado. Tanto quanto sabemos, só no caso da Virgem Maria houve concepção sem semente; de resto tudo na natureza nasce de um suco dela. A maturação requer o seu tempo. Precisa de ser acarinhada para que apareça a floresta. O homem foi abrindo clareiras ali, construindo cidades acolá e eis que nasceu este espaço onde vivemos.

A cidade é o lugar onde se manifesta a presença da ausência. É o lugar onde nasce e se cultiva a vida interior. Encontramos elementos de todo o mundo num pequeno espaço. Sonhamos. Afinal a terra existe e nós fazemos parte dela. Ganhamos força para sonhar e comparar as nossas origens. O Adão e a Eva afinal somos nós: lidando com a existência no dia a dia.

Os fotógrafos interessam-se muito pela repetição e multiplicação da forma para atingir a perda do significado e encontrar a síntese da essência. Os telemóveis vieram materializar, ainda mais, este acto, com as suas máquinas fotográficas banalizando a consciência de fotografar e deixando para os fotógrafos o essencial. A composição é a repetição do momento original. Este processo deu origem à utilização da matéria, que era afinal o negativo ou ficheiro, que estava sempre escondida, passando a ter uma vida própria, ou seja a matéria viva que podemos ver. Nas suas formas encontramos novos processos de composição, quer pela sua textura, quer pela maneira como estão armazenadas ou apresentadas, mudando permanentemente a forma da informação mostrada.

Procuramos a delicadeza das formas naturais, relacionada com as do olhar, misturando elementos que respondem a tensões presentes na natureza ou nos humanos. Pelas formas aí encontradas, aprendemos o valor e o rigor de "puxar" para os limites da perfeição de cada um, como quer ou sente.

Qual a relação entre a presença da luz e a sua ausência? A imagem navega entre elas.

O sentir está nas diferentes tonalidades que estão ligadas entre o mais escuro e o mais claro. Não sabemos qual delas é o mais positivo ou negativo. Os olhos são assimétricos. Cada um mostra uma parte diferente da pessoa, parada no tempo e com a sua alma exposta ao banal da nossa vida quotidiana. O divino e o diabólico. A harmonia do mal ou do bem, se nos interessa, está no encontro dos extremos. A luz dá-lhe a forma. Não queremos aceitar a sua existência, dentro dum quadrado ou de um retângulo. A alma cola-se. O acto de fotografar é rápido.

O pensamento prolonga-o. É um momento irreversível, completamento parado, interno. Estará um fotógrafo a perder-se a si próprio cada vez que fotografa? Ou encontra-se reconstruindo a nossa existência através de outros momentos invisíveis para nós, com a qual vamos mantendo um dialogo contínuo, que conhecemos sem nos dar conta? Sentado debaixo de uma árvore vejo a luz a passar. Como a corrente de um rio. A certo momento, levanto-me e pára o tempo. Aí, todos os momentos estão presentes. Auto-retrato.

As distâncias do olhar aproximam-se. Espaços iguais? Simetria? Não há regras. Está tudo ligado para nos mostrar o milagre. Cada momento é outro e mais outro, mas todos ligados entre si são, em conjunto, o espaço da materialização da imagem.

E o nosso corpo? Onde fica? Onde fica a dor, o medo, o prazer e a felicidade? Conseguimos penetrar as paredes deste espaço? Com o nosso ser? É um auto-retrato? Ou estamos a ser retratados? Não somos nós tudo isto? Somos o veículo através do qual essa imagem única se materializa. Está tudo na fotografia. Ela irá connosco, sabe-se lá para onde…

Não sei quanto tempo a nossa existência estará condicionada por ela. Acabará por ter uma vida própria. Foge. Uma fotografia passa para outra. O tempo passa para outro tempo. A imagem fica enquadrada. O mundo dentro dos buracos negros ou das estrelas. Voltamos novamente à luz... uf... tinha medo de não regressarmos. O trabalho dum fotografo reduz-se a uns segundos numa vida inteira. A fotografia, à eternidade.

Talvez seja tudo mentira o que acabo de escrever – com o nome ”Shadow of a Doubt (A Sombra de uma Dúvida)” – sobre esta exposição. Para cada olhar há uma fotografia. Assim podemos recomeçar tudo de novo fazendo a nossa própria exposição, outra vez, com os trabalhos

de certos fotógrafos que põem em causa o nosso olhar e nos mostram outros horizontes sobre a existência.

José M. Rodrigues

13-11 | 31-12-2014